

Como poderia ser hoje denominada a multifacetada disciplina que diz estudar “determinantes e distribuição de agravos em populações” frente a pessoas, tempos e lugares em flagrantes transformações? É evidente que **Epidemiologia**, entendida ao “pé-da-letra”, deixou de servir como designação para delimitar seus objetos de estudo. Se o termo se tornou defasado, a agregação de diversos adjetivos não proporcionou referentes que ensejem melhores modos de nomeação. Epítetos como **moderna, social, clínica, molecular**, antes de identificarem *per se* as peculiaridades de suas correspondentes abordagens, dão margem a impropriedades conceituais e demandam esclarecimentos para não-iniciados nos jargões da área. Em síntese, a idéia de “moderno”, apesar da difusão, é criticada por vários autores como, antes de tudo, reflexo da arrogância da presente geração que resolveu considerar sua época como a culminância de um processo histórico e cultural. “Social” veicula uma redundância – é difícil pensar-se populações humanas sem ancoramento a formas de organização social. A questão, de fato, é especificar as teorias sociais que procuram explicar os modos de relação, produção, estruturação das formações sócio-econômicas. Já, tanto “epidemiologia clínica” como “molecular”, cada uma a sua maneira, dão margem a oxímoros – curiosas figuras de linguagem que reúnem palavras contraditórias, paradoxais. Ambas referem-se simultaneamente a objetos pertencentes a distintos patamares organizativos – populacional e individual.

Isso, na verdade, não importa tanto. E, mais: não serviu de empecilho para o sucesso dos Congressos de Epidemiologia, em Salvador, abril do corrente ano, onde múltiplas facetas da disciplina foram apresentadas e discutidas. Aliás, diante da magnitude o plural é bastante adequado para indicar as variadas possibilidades de “navegação” que permitiu a praticamente cada um percorrer o seu Congresso particular.

Para não parecer ufanismo, o *Epidemiology Monitor* de junho destacou o evento em ampla reportagem, enfatizando sua dimensão e a busca da Epidemiologia brasileira por novos paradigmas para além dos modelos de risco. Apesar de alguns compreensíveis equívocos, o conteúdo da matéria foi, de modo geral, favorável e reconheceu, não sem alguma surpresa, a amplitude da Epidemiologia do lado debaixo do Equador.

Além disso, a conferência final de M. Susser sobre novas perspectivas para o campo recebeu merecida atenção. Na oportunidade, o reconhecido pesquisador sul-africano acentuou as limitações da chamada “Epidemiologia da Caixa Preta” – onde se desconhecem os mecanismos intrínsecos de causação, mas se fazem estimações de risco a partir das relações entre exposição-doença – considerada como a terceira era paradigmática da disciplina (a primeira foi a teoria miasmática, a segunda, a era microbiana).

O ponto de vista susseriano coincide com as (auto) críticas, formuladas por outros representantes da epidemiologia anglo-saxônica. Segundo recente número da *Science*, começam a admitir-se as limitações desta abordagem diante da profusão de estudos inconclusivos para o estabelecimento de fatores de risco de diversas doenças a determinadas exposições. Com isto, os comitês editoriais de publicações médicas (como o *Lancet* e o *N. Engl. J. Med.*) discutem a criação de critérios que envolvem, além dos aspectos de rigor metodológico, também, os resultados obtidos – a magnitude do risco relativo encontrado – para justificar a publicação do trabalho. Argumenta-se que os vieses e *confounding* são, muitas vezes, incontornáveis. E, mesmo quando não parece haver falhas a este respeito, os achados devem ser muito significativos para serem divulgados.

Será que os avanços da Biologia Molecular e dos Sistemas de Redes de Informação trarão novas configurações à Epidemiologia? Por um lado, já se pode pensar em espiar o que há no interior da “Caixa Preta” ao melhor delimitar, mediante marcadores biológicos, as relações entre exposição, dose interna, dose biologicamente ativa, efeito biológico precoce, função estrutural alterada, doença clínica e significância prognóstica. Por outro, é viável conceber o manuseio à distância de grandes bancos de dados, inclusive sobre o Genoma Humano, via Internet. Qual será a Epidemiologia resultante é difícil visualizar com clareza. Mas, não custa nada imaginar possíveis nomes para ela: Epintemetiologia!? Pandemiologia!?

Luis David Castiel

Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz

What would be an appropriate: term today for the multifaceted discipline that purports to study “the determinants and distribution of diseases in populations” vis-à-vis individuals, times, and places undergoing flagrant changes? It is more than evident that, taken literally, the term *Epidemiology* no longer serves to demarcate the range of its objects of study. While the term itself has fallen out-of-step, its various adjectives have failed to qualify it any better. Epithets like *modern*, *social*, *clinical*, and *molecular*, rather than identifying the peculiarities of the characteristics supposedly born by the corresponding approaches, give rise to conceptual improprieties and demand clarification for those not initiated into the field’s jargon. Various authors have criticized the widespread notion of “modern”, claiming that it mostly reflects the present generation’s arrogant belief in its own place as the pinnacle of a historical and cultural process. The use of “social” is redundant, since one can hardly conceive of a human population not anchored in some forra of social organization. The issue is to specify which social theory is used to explain the modes of relations, production, and structuring of socio-economic formations. Meanwhile, both “clinical” and “molecular epidemiology” – each in its own way – leave room for oxymorons, curious figures of speech combining contradictory, paradoxical words. Both refer simultaneously to objects belonging to different organizational levels, i.e., populational and individual.

But all of the above really matters very little, and it hardly got in the way of the Epidemiology Congresses held in Salvador, Bahia, this April, where multiple facets of the discipline were discussed. Indeed, given the event’s magnitude, *plural* would be the appropriate form for the array of possibilities for “navigating”, allowing each participant to surf through his or her own Congress.

At the risk of boasting, we are pleased to report that the June issue of *Epidemiology Monitor* gave broad coverage to the event, stressing both its scope and the search Brazilian Epidemiology is performing to search new paradigms beyond risk models. Despite some comprehensible misconstructions, the article was generally favorable – not without some

degree of surprise – acknowledged the breadth of Epidemiology below the Equator.

In addition, Susser’s final presentation on the field’s new perspectives received well-deserved attention. This South African researcher stressed the limitations of so-called “Black Box Epidemiology” (where one ignores the intrinsic causal mechanisms but performs risk estimates based on relationships between exposure and disease), considered the discipline’s third paradigmatic era (the first being the miasma theory and the second the microbial era).

Susser’s point of view agrees with numerous recent outbursts of (self-)criticism formulated by other representatives of Anglo-Saxon epidemiology. According to a recent issue of *Science*, such colleagues are beginning to admit the limitations of the risk analysis approach, given the profusion of inconclusive studies attempting to establish risk factors for various diseases and given exposures. Thus, editorial boards of various medical journals (like *The Lancet* and the *N Engl. J. Med.*) have discussed criteria that go beyond methodological rigor to scrutinize the results obtained, i. e., the magnitude of relative risk encountered in justifying publication of the study. They argue that problems arising from biases and confounding are often insurmountable. And even when there appear not to be such shortcomings in studies, the finding should be very significant in order to be published.

Will advances in Molecular Biology and Information Network Systems bring new configurations to Epidemiology? On the one hand, one can already consider peeking inside “Black Box” when one uses biological markers to better delineate the relationships between exposure, internal dose, biologically active dose, early biological effect, altered structural function, clinical disease, and prognostic significance. On the other, it is feasible to conceive of handling large data banks from a distance, including those devoted to the Human Genome, using Internet. What the resulting Epidemiology will be is difficult to envisage clearly at this stage. But it will do no harm to imagine possible names for it: Epinternetology? Pandemiology!?...

Luis David Castiel

Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz